ENTREVISTA

Jamie Peck



Entrevistado em 13 de junho de 2012,
por André Pasti, Luciano Duarte, Melissa Steda e Wagner Nabarro.

Agradecimentos: Mónica Arroyo e Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana - USP.

Entrevistamos Jamie Peck durante sua visita a São Paulo, onde ministrou a conferência "O neoliberalismo na crise atual" no Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo (USP). Peck falou, entre outros temas, sobre a neoliberalização em curso, a difusão rápida de políticas públicas atualmente e a importância da informação financeira, além de fazer um balanço sobre a geografia econômica anglo-saxônica e falar de seus projetos.

Boletim Campineiro de Geografia: Professor Peck, por favor, conte-nos sobre sua trajetória acadêmica. Como foi sua aproximação com a Geografia?

Jamie Peck: Fiz meu treinamento na Inglaterra, na Universidade de Manchester, nos anos 1980, e minha pesquisa de doutorado foi focada no desemprego jovem, no Thatcherismo e nos impactos iniciais da reestruturação neoliberal no Reino Unido. Após meu PhD, trabalhei por um tempo na Austrália como pesquisador de pós-doutorado e então retornei para lecionar em Manchester, onde estive por dez anos antes de me mudar para os Estados Unidos. Lecionei então por dez anos em Wisconsin e agora estou na UBC (University of British Columbia), no Canadá, há quatro anos. Então, meu mundo sempre girou em torno da geografia anglo-saxônica, entre a Inglaterra, a Austrália, os Estados Unidos e o Canadá, mas cada vez mais minha pesquisa tem me levado ao Brasil e a partes mais interessantes do mundo, e isso é bom para mim.

BCG: De que forma o senhor vê a Geografia, hoje, em relação à formulação de teorias críticas da fase atual do capitalismo?

Peck: Penso que uma das coisas interessantes em trabalhar na Geografia é que estivemos à frente dos estudos sobre o neoliberalismo e de todos os debates sobre o significado e os impactos da neoliberalização, principalmente na ciência política, na sociologia e na antropologia, onde existem discussões rígidas sobre o neoliberalismo, mas que estão relativamente "atrasadas", pois ele já atua no mundo há décadas e os debates demoraram a surgir. A palavra [neoliberalismo] entrou em ampla circulação. Considero ela uma palavra-chave da pós-globalização.

Nesse debate sobre globalização, a qual especialmente pesquisadores da esquerda argumentam que foi um projeto político e não um desenvolvimento natural da economia, penso que um modo alternativo de tratá-la é também como um projeto político, que se utiliza do termo neoliberalismo. Isso gera atenção para sua base ideológica, e destaca o fato de que não é um desenvolvimento natural de uma economia de mercado.

Houve um período de triunfalismo global após a queda do muro de Berlim no final dos anos 80, quando foi declarado o "fim da história". O mundo todo estava em transição, em direção a um sistema no estilo americano, e o debate era apenas sobre a turbulência dessa transição. Penso que isso produziu um foco crítico no significado de neoliberalismo e desde aquele ponto temos continuado o debate sobre qual é seu verdadeiro significado, de onde veio, quais são suas

consequências. Acaba, então, se tornando o que chamei de "conceito malicioso[1]", um conceito mau comportado. Muitas pessoas preferem não utilizá-lo. Para muitos, parece uma palavra fria da esquerda. Ela nunca é utilizada para a defesa do neoliberalismo e não tem sido desde os anos 1950. É um termo da crítica e, como tal, é aberto a constante interrogação crítica — e, se for necessário rejeitá-lo, caso encontremos um modo melhor de caracterizar o capitalismo contemporâneo, podemos certamente utilizar outro termo.

Penso que existem outras razões para manter o neoliberalismo como conceito, mesmo sendo ele problemático, porque nos força a pensar sobre as conexões entre desenvolvimentos em diferentes partes do mundo. É importante que não utilizemos essa ideia como se tudo convergisse para a mesma situação, e é por isso que acredito que precisamos de uma geografia do neoliberalismo. Mas a razão para continuar usando a mesma palavra é que nos força a pensar sobre o que conecta experimentos de reestruturação neoliberais na América Latina, Europa Oriental e Estados Unidos. Eles têm familiaridades genéricas? O que se pode aprender com eles? Quais são as conexões entre as elites e os fluxos de dinheiro e ideias entre esses experimentos? Acho que essas são todas questões realmente importantes. E, se rejeitarmos a ideia de que existe uma conexão ideológica entre esses experimentos na transformação do mercado em diferentes partes do mundo, penso que perdemos partes da explicação. Por isso, mesmo que seja um termo "problemático", continuo utilizando-o.

A decepcionante lição da crise financeira global de 2008 foi que muitos, em meio à crise, disseram que essa seria a morte do neoliberalismo (…). E o que aconteceu foi exatamente o oposto.

BCG: Em muitos artigos o senhor tem discutido a neoliberalização e o neoliberalismo e diz ainda que após a crise de 2008/2009 estamos enfrentando um tipo diferente de contra-ofensiva neoliberal. Quais são os desafios para uma agenda progressista?

Peck: Os desafios para os progressistas são enormes, acho que a neoliberalização só será parada se as forças contrárias agirem em direções diferentes. A neoliberalização terá que ser contestada para ser derrotada. Penso que a decepcionante lição da crise financeira global de 2008 foi que muitos, em meio à crise, disseram que essa seria a morte do neoliberalismo, que significaria um retorno do Estado e de uma abordagem mais social e ambientalmente

1 Nota da Tradução (NT): do original, em inglês, *rascal concept*.

responsável. E o que aconteceu foi exatamente o oposto.

Temos que entender que o neoliberalismo é o que eu chamaria de uma teoria da crise — ele explora situações de crise, se prolifera na crise e, durante esse tempo em que tantos estavam dizendo que seria sua morte, meu medo era de que isso seria outro renascimento, e diria que foi exatamente isso que aconteceu. Na Inglaterra, dizemos que os gatos têm nove vidas — descobri que no Brasil eles têm sete (*risos*). O neoliberalismo tem sete (ou nove) vidas, pois não é um projeto fixo, ele constantemente se autorreproduz através da crise, então esses são momentos posteriores à mutação do projeto, não o seu colapso. Isso nos força a considerar algumas questões difíceis sobre as bases nas quais o neoliberalismo pode ser definitivamente contestado ou transformado.



Já o debate sobre o pós-neoliberalismo é muito mais um debate de origem latino-americana. Penso que essa é uma noção intrigante, sendo em certos aspectos uma falsa auto-afirmação dizer que o pós-neoliberalismo chegou. Isso é, em si mesmo, um tipo de movimento político. Não acho que há muitos sinais de um pós-neoliberalismo ainda. O que eu definiria como sinais de pós-neoliberalismo seriam a sustentação de uma redistribuição social e espacial e de movimentos em direção à propriedade coletiva e de um controle democrático da economia. Se definirmos pós-neoliberalismo nesses termos, não acho que estamos indo nessa direção atualmente.

Ainda vemos uma forte ofensiva neoliberal baseada nos princípios de austeridade e uma perseguição ao crescimento. Então, penso que os desafios para a esquerda são muitos, e um deles é desenvolver algum tipo de linguagem para falar sobre suas metas em diferentes termos, que se encaixem no período em que estamos. Uma linguagem que responda aos problemas da insegurança econômica, com um discurso que sirva para os desafios da esquerda do século XXI, não apenas uma reabilitação de antigas técnicas do século XX. Penso que lutar contra o neoliberalismo exigirá ferramentas novas.

Também precisamos de um amplo diálogo sobre termos em comum nesse debate. Não adianta ter mil alternativas — precisamos de uma base comum, porque um dos motivos pelas quais o neoliberalismo tem sido poderoso é que ele

sempre opta por soluções simples no meio de uma crise. Quando chegou ao poder, nos anos 1970 e 1980, o contexto era de geral instabilidade financeira. Quando a inflação estava descontrolada, o que os neoliberais diziam era justamente que podiam resolver esse problema para as sociedades, que podiam controlar uma inflação galopante com soluções simples. Falharam todas! Porém, eles se colocam como se tivessem algo a dizer no meio de uma crise e, em muitos aspectos, o que é mais desapontador sobre a recente crise financeira global é que a esquerda não teve uma voz única, não falou de modo convincente e competente.

As vozes não-neoliberais no meio da crise buscavam uma espécie de restauração keynesiana, que não penso ser realmente muito prática. Nem mesmo isso aconteceu, não tivemos sequer uma restauração keynesiana. O pacote de estímulo dos Estados Unidos, que é referenciado agora como um episódio keynesiano, não o foi realmente, mas essa foi a parte do debate da esquerda que se tornou conhecida, com economistas como [Paul] Krugman e [Joseph] Stiglitz defendendo essas soluções quase-keynesianas. Essa não foi uma resposta realmente da esquerda.

BCG: Ao mesmo tempo que passamos por esse novo tipo de contra-ofensiva neoliberal, temos observado o surgimento de resistências e demonstrações sociais de contestação como os movimentos "*Occupy*" e os recentes protestos de estudantes no Chile, em Madrid, até mesmo no Quebec contra essa nova onda neoliberal. O senhor acha que esses movimentos são alternativas efetivas ou não? Quais são suas limitações?

Peck: Penso que muitos desses são movimentos de resistência do presente e entendíveis como tal. No limite, no entanto, queremos ver movimentos de resistência desenvolverem um projeto mais transformativo, um programa positivo, que vá além de tomar cidades e fazer insurgências locais. A ambição tem de ser mais do que local, eu diria.

A esquerda reorganiza seu mundo local, mas não é capaz de levar essas lições a outros lugares. O desafio real para derrotar o neoliberalismo é desenvolver uma visão mais global.

Muitas dessas respostas ao neoliberalismo têm envolvido enclaves alternativos, estabelecimentos comunitários em determinados lugares. A esquerda reorganiza seu mundo local, mas não é capaz de levar essas lições a outros lugares. O desafio real para derrotar o neoliberalismo é desenvolver uma visão mais global, uma visão que exceda a insurgência do local. Isso provavelmente

significaria entrar no mundo da política nacional.

Não acho que a esquerda possa se dar ao luxo de reduzir a importância da política formal ou da escala nacional de ação, como é o desejo de algumas partes dela. Sem esse tipo de posição de esquerda no nacional, penso que os conflitos localistas acabarão se tornando um sintoma da fraqueza da esquerda. Por outro lado, podem ser o começo de alternativas, e frequentemente são. É neles que podemos incubar nossas novas ideias ou experimentos, e podem se tornar laboratórios locais de modos alternativos de trabalhar e pensar, mas é preciso ampliá-los e perpassar por outros níveis escalares.

Esses são os desafios comuns para a formação de uma rede, que o Fórum Social Mundial e outras organizações têm enfrentado por um longo tempo. A esquerda ainda tem desafios gigantescos nessa questão, que se estende para além do local. Respostas locais tendem a ser inicialmente mais focadas em resistência na primeira instância, mas têm que se tornar mais do que isso. E esse programa positivo é uma alternativa ao neoliberal, que continuará retornando. Acho que isso é algo que sabemos sobre o comportamento do projeto neoliberal: ele continua retornando em diferentes formas.

BCG: O senhor discute o papel constante de alguns centros de "veracidades" neoliberais ["*truth centers*"], como a Escola de Economia de Chicago e a instituição do Consenso de Washington. Você também discute a prática neoliberal "em estado selvagem" ["*in the wild*"]. Nesse cenário, qual papel você acha que os produtores de informação financeira como Bloomberg e Reuters têm no alcance ideológico do neoliberalismo?

Peck: Acho que eles têm uma influência enorme. A imagem de uma TV mostrando a crise do mercado de ações se movendo embaixo da tela, como vemos frequentemente nos dias de hoje, é um símbolo do modo como o mundo financeiro penetrou a vida cotidiana e nós, constantemente e subconscientemente, observamos o constante movimento do mercado financeiro. Acho que esse é o modo pelo qual os inovadores financeiros têm ampliado as tecnologias financeiras nas últimas décadas, de modo a financeirizar a vida cotidiana e os cálculos fundamentais do bem estar social e econômico. Várias dessas coisas serão muito difíceis de reverter. Nós viveremos, de certa forma, em um mundo permanentemente penetrado pelas finanças.

Não sou um especialista nessas questões, acho-as importantes, mas um pouco diferentes das coisas com as quais normalmente trabalho. Porém, certamente é uma das presentes manifestações da lógica neoliberal, essa financeirização de tudo.

E, certamente, o neoliberalismo atual não é simplesmente trazido de Washington D.C. para o mundo, ele viaja por muitos canais, através de redes de conhecimento e de *experts*. De toda maneira, passaram a haver pressões competitivas por si mesmas, muitas delas amplificadas ou tornadas reais por essa constante transmissão de dados financeiros.

Os debates sobre austeridade são muito conduzidos no terreno das finanças e das dívidas, essas abstrações financeiras dos níveis de crescimento futuro e gastos públicos, que se tornaram altamente especializadas. Acho que uma das consequências da neoliberalização tem sido, essencialmente, a de criar uma casca tecnocrática ao redor da economia e seu gerenciamento, que agora nos é dito ser muito complexo para pessoas ordinárias entenderem. Dizem-nos até mesmo, em meio à crise financeira, que os únicos que sabem como consertá-la são justamente as pessoas que nos fizeram isso — teríamos que pedir a Wall Street para consertar isso! — porque ninguém mais entende o que está acontecendo. Isso se parece muito mais com uma charada.



Essa é minha suspeita, mas não sou um *expert* em finanças. Claramente precisamos de pessoas para questionar isso. Acho que um dos modos interessantes pelos quais os debates sobre orçamentos participativos têm se desenvolvido, é em direção a uma discussão mais ampla sobre a democratização das finanças públicas. Temos que democratizar toda a esfera do governo, o que na verdade exige muito conhecimento especializado. O que é diferente das organizações de base para orçamentos participativos, a nível distrital. Tiro disso a conclusão de que precisamos tanto de consciência de base sobre finanças públicas quanto precisamos participar desses mundos especializados, onde podemos desenvolver novas ferramentas que operarão de maneira diferente daquelas ferramentas especulativas que dominam atualmente.

BCG: Falando das agências de *rating* (classificação de risco), como Standard & Poor's (S&P), Moody's e Fitch, parece-nos que as diretrizes usadas por elas para classificar países e instituições têm um papel condicionante para políticas públicas, a exemplo das consequências da permanente busca pelo superávit primário. Essas diretrizes podem acabar se

tornando normas efetivas para esses países, sendo especialmente violentas em países subdesenvolvidos, como é o caso na América Latina, onde os orçamentos nacionais são menores. Gostaríamos de saber como o senhor vê o poder dessas agências de *rating* no sistema global atual. Você acha que a crise recente mudou o poder dessas agências?

Peck: Elas parecem estar bem ativas. Elas fazem parte de uma espécie de ecossistema de governança neoliberal, e são protegidas, embora não sejam instituições democratizadas, e sim instituições privadas que continuam tendo efeitos enormes nos custos de empréstimos para países, cidades e outras entidades.

Estive pesquisando recentemente o crescimento do que chamei de "urbanismo de austeridade[2]", que é uma espécie de ambiente operacional em cidades pobres, crescentemente condicionado pelos efeitos do monitoramento feito por essas agências. Assim, se uma cidade faz um movimento "errado" de acordo com a S&P, seu *rating* é logo alterado e o custo do empréstimo também, sendo automaticamente penalizada por não seguir o caminho neoliberal em direção à austeridade.

Isso opera, de certa forma, como um sistema autômato, com todos esses atores privatizados e tecnocráticos tomando decisões que reprimem as ações de agências locais e mesmo nacionais. Até os Estados Unidos tiveram seu *rating* reduzido, então isso não se aplica apenas aos mais fracos, quer dizer, parece que um tipo de disciplina das finanças está sendo imposto através dos *ratings* e procedimentos dessas agências. Eu diria, porém, que se acabássemos com elas, talvez precisássemos de meios alternativos de avaliar a efetividade a longo prazo das estratégias de políticas públicas. Essa seria outra área onde se poderia construir um *expertise* de esquerda que formaria um canal alternativo aos canais neoliberais.

BCG: O neoliberalismo mudou de uma forma de regulação rasa durante os anos 80 para uma fase de construção estatal mais ativa, mudanças que o senhor mesmo chama de neoliberalismo "roll-back" e "roll-out"[3]. Como o senhor vê a emergência de formas institucionais locais do neoliberalismo e qual a importância delas para sustentar essa forma contemporânea de "neoliberalização", em sua atual constituição escalar?

Peck: Acho que a razão para usarmos essa estranha palavra "neoliberalização" — que tem muitas sílabas, e nunca será uma palavra popular

2 NT: do original, em inglês, *austerity urbanism*.

3 Optou-se, nesta entrevista, por não traduzir esses dois conceitos. Eles são discutidos no artigo PECK, Jamie; TICKELL, Adam. Neoliberalizing Space. *Antipode*, v. 34, n. 3, 2002, e foram detalhados por Peck em sua resposta.

(*risos*) —, é tornar o neoliberalismo um processo, chamar atenção para o fato de que é um processo transformativo, que está constantemente evoluindo e mudando.

Em nosso argumento, há o que nós chamamos de um neoliberalismo "*roll-back*". Seu primeiro movimento é tentar desmanchar quaisquer instituições centrais do Estado desenvolvimentista keynesiano ou socialista. A primeira linha de ataque dos reformistas neoliberais é desmanchar, e depois descobrem que o mundo que herdaram está cheio de novos problemas e contradições, muitas delas feitas por eles mesmos, e que o livre mercado não resolveu magicamente o problema que esperavam resolver. São então impelidos a fazer, eles mesmos, manobras intervencionistas, que é o que chamamos de neoliberalismo "*roll-out*", que são agora formas típicas de governança não-democrática e de direcionamentos tecnocráticos. Os neoliberais preferem instrumentos da neoliberalização "*roll-out*", para os quais eles mesmos estão encontrando limites e crises.



Em muitos aspectos, o momento da austeridade após 2008 poderia ser considerado um "*roll-back*" da infraestrutura de 1990. A infraestrutura dos últimos 20 anos está agora sendo disciplinada, empurrada de volta e minimizada, e uma ilustração disso está nos Estados Unidos, onde as cidades estão demitindo policiais e soltando pessoas da prisão porque não podem manter os custos do sistema penal e policial. Isso é o que neoliberais chamaram uma vez de "Estado do vigilante noturno[4]", é a função minimalista do Estado, e que agora também está, de certa forma, sob ataque.

A questão sobre a neoliberalização é que o processo, por si mesmo, não tem noção de onde parar, é um movimento transformativo, um processo de permanente revolução organizado de acordo com os princípios de mercado. Não há ponto final, onde os neoliberais estejam satisfeitos. Eles continuam, porque não chegaram ainda em sua utopia, que é justamente utópica, esse mundo de mercados perfeitos que nunca será criado. Em parte por causa dessa frustração, eles estão constantemente entrando em novas rodadas de intervenção transformativa para tentar empurrar o mundo em outra direção.

Diria que é dessa forma que o neoliberalismo funciona, como uma dinâmica

4 NT: do original, em inglês, "nightwatchman's State".

política que está constantemente pressionando na direção de uma sociedade e uma economia menos reguladas, mais mercantilizadas e mais individualizadas. O que constantemente produz retrações e o que Karl Polanyi chama de "duplo movimento", que são reações sociais, institucionais e políticas contra a mercantilização excessiva. Polanyi diz sobre o "duplo movimento" que é previsível que a mercantilização produza essas retrações — o que não poderia ser previsto é o conteúdo político dessas respostas, que podem ser conservadoras ou liberais, fascistas ou democráticas. O conteúdo das respostas é um assunto para a política. O que podemos entender analiticamente, penso, é o modo pelo qual a mercantilização constantemente refará o terreno para a política. Isso continua criando novos desafios, novas arenas para agir, novos problemas para resolver.

Então a questão política continua voltando a cada um desses momentos de mercantilização excessiva, e o que podemos prever é que os neoliberais nunca estarão satisfeitos e dirão "isso é o bastante", "nós reformamos o bastante", "o Estado está pequeno o bastante", "o mercado está livre o bastante". Sempre vão querer mais, são utópicos realmente frustrados, que tentam empurrar de novo para o que Polanyi chamou de rígida utopia do livre mercado. E nunca chegarão a seu destino.

Constantemente voltarão para as reformas, e essa é uma das razões para que, após a crise financeira, eu tenha dito que o neoliberalismo pode estar entrando em uma fase "zumbi", na qual voltaria dos mortos. Foi considerado morto em 2008, mas estará de volta. E, considerando-o como um zumbi, talvez ele esteja morto para cima do pescoço, talvez seu cérebro não funcione mais, e penso que isso seja uma possibilidade agora: a escola de Chicago, as teorias e o tipo de elite política que defendia o neoliberalismo como bom para todos nós foram todos desacreditados. Agora estamos sendo avisados de que temos que usar o remédio do neoliberalismo porque é o único remédio disponível, é mais um "nós temos que fazer", "sabemos que isso vai nos machucar". É isso que estão dizendo às pessoas na Grécia e na Espanha: que não temos alternativa além de fazer isso. Ninguém mais diz "isso será ótimo

Sabemos que zumbis fazem a mesma coisa várias e várias vezes, e é exatamente o que neoliberais fazem (risos). Os zumbis buscam corpos de sangue quente, e os zumbis neoliberais continuarão a procurar por esses corpos, continuarão a atacar os mesmos lados (...). Nos dirão novamente que precisamos privatizar, que precisamos desregular...

para você", "você irá gostar", "será bom para todos nós". Dizem que "temos de fazer isso para colocar as finanças públicas em ordem". Estamos em um momento no qual o neoliberalismo está sendo vendido negativamente, não porque esse é o modo ótimo de organizar as coisas, mas porque é a única solução prática para os problemas que estamos enfrentando atualmente. Então, talvez o neoliberalismo tenha perdido algumas dessas funções de ordens superiores, como a moral e a liderança intelectual. Podemos afirmar, provavelmente, que o desde 2008 tudo isso está comprometido.

Outra coisa que sabemos sobre zumbis é o que ocorre abaixo do pescoço: os membros se mexem e causam danos enormes. Também sabemos que zumbis fazem a mesma coisa várias e várias vezes, e é exatamente o que neoliberais fazem (*risos*). Os zumbis buscam corpos de sangue quente, e os zumbis neoliberais continuarão a procurar por esses corpos, continuarão a atacar os mesmos lados. Continuarão a marcha contra o mundo social e farão as mesmas coisas de novo e de novo, como zumbis. Nos dirão novamente que precisamos privatizar, que precisamos desregular, que precisamos de mais espaço para as forças de mercado e que a longo prazo isso seria melhor. E nós sabemos, através de uma amarga experiência, que não é assim.

É possível que a forma do neoliberalismo possa mudar em direção a um período no qual esteja fatalmente comprometido. Às vezes compreendemos mal isso, como ocorreu com muitos de nós da Inglaterra, no início dos anos 90, quando pensamos que após a Thatcher ser deposta, seria o fim do thatcherismo e do neoliberalismo. Ele acabou sendo reconstruído por Tony Blair e agora emerge em uma terceira forma, e terá ainda outras formas. Porém, não acho que devamos pensar no neoliberalismo como eterno por causa disso, ele não irá necessariamente existir para sempre, mas tem que encontrar uma força social alternativa para ser parado, porque não há freio interno. Não há senso interno de proporção, de onde desenhar a linha ou de quando chegamos em um momento harmonioso de equilíbrio: "nunca atingimos esse ponto, então nunca paramos". Sabemos, portanto, que temos um inimigo mau comportado. Os desafios são o de mudar o terreno para a discussão social e o de colocar questões diferentes na mesa, no lugar da restauração do crescimento econômico como a única coisa que importa.

BCG: O senhor tem discutido a ideia de que estamos sob um ambiente global de "políticas rápidas". Por favor, o senhor poderia explicar rapidamente essa ideia e esclarecer para nós quais são as limitações para políticas locais e regionais nesse contexto?

Peck: As "políticas rápidas[5]" são, para nós, um fenômeno que surgiu nos últimos 20 anos: a rápida transmissão de tecnologias e modelos de políticas entre jurisdições geográficas, como entre países e entre cidades. Algumas delas foram facilitadas pela melhoria das tecnologias de comunicação, pela *internet* e pela criação de uma vasta infraestrutura de consultoria em gerenciamento, com "gurus" e defensores que viajam o mundo promovendo políticas.

Vivemos agora em um mundo muito mais interconectado, onde qualquer criador de políticas toma decisões no contexto de um entendimento consideravelmente rico sobre o que outros lugares estão fazendo, e também sobre quais são, supostamente, as melhores práticas. Penso isso conforme muitos cientistas políticos e sociólogos que estudaram esse fenômeno.

Muito depois do neoliberalismo se extinguir, ainda viveremos em um mundo no qual políticas viajam rapidamente e são efetivamente relativizadas por uma consciência global de respostas a questões como a degradação ambiental ou a pobreza. Viveremos nesse mundo interconectado no qual ideias sobre políticas viajam rapidamente de lugar para lugar. A infraestrutura de políticas cresceu em paralelo com a neoliberalização e não acho que seja inteiramente um produto dela, mas a neoliberalização foi propagada em um mundo de políticas rápidas.

Assim, modelos neoliberais tendem a viajar o mais rápido possível, atingindo os cantos mais distantes do planeta, e uma das coisas que estamos tentando estudar em nosso trabalho sobre políticas rápidas é como isso se dá para as políticas da esquerda. Elas viajam diferentemente das políticas conservadoras ou neoliberais, uma vez que existem diferentes sistemas de circulação para políticas radicais, opostos aos das conservadoras? A resposta é complexa, e não estou certo de ter entendido isso ainda, mas em muitos aspectos os reformistas neoliberais tendem a confiar mais em soluções tecnocráticas e técnicas aos problemas, que são facilmente resumidos em uma tabela e em listas de tópicos. Tenta-se encaixar tudo em um *briefcase* de consultoria. É interessante o fato de a esquerda tender a favorecer respostas que são orgânicas, conectadas com os interesses locais, que vão ao encontro das necessidades das pessoas do lugar.

Desse modo, nós, na esquerda, quase revalorizamos as coisas que não podem ser movidas de lugar para lugar. Enquanto isso, os neoliberais se contentam em

5 NT: do original, em inglês, *fast policies*. O tema foi discutido, entre outros textos, em: PECK, Jamie. Political Economies of Scale: Fast Policy, Interscalar Relations, and Neoliberal Workfare. *Economic Geography*. v. 78, n. 3, 2002; PECK, Jamie; THEODORE, Nik. Recombinant workfare, across the Americas: transnationalizing "fast" social policy. *Geoforum.* v. 41, n. 2, 2010; PECK, Jamie. Global policy models, globalizing poverty management: international convergence or fast-policy integration? *Geography Compass,* v. 5, n. 4, 2011; e PECK, Jamie; THEODORE, Nik. Follow the policy: a distended case approach. *Environment and Planning A*. v. 44, n. 1. 2012.

movimentar as mesmas ideias, sejam elas as de Hernando de Soto [Polar], do microcrédito, ideias de Richard Florida sobre cidades criativas, ou ainda outras. E uma das razões para essas ideias se moverem rapidamente é, claro, que estão viajando em ambientes onde suas políticas não rompem os interesses estabelecidos quando chegam, mas permitem a eles se estenderem. Não devemos, portanto, nos surpreender que esse tipo de política conservadora ou neoliberal viaje mais além e mais rápido que políticas que de fato rompem com relações de poder e reorganizam a sociedade.

Penso, no entanto, que aprendemos algumas lições sobre como mover algumas ideias alternativas. O movimento por "renda mínima[6]", eu diria, é um bom exemplo de política que surgiu em Baltimore, nos EUA, e se movimentou lateralmente pelo país, para todas as cidades, como um meio de aumentar o piso salarial a nível local, ficando acima do nível de salário mínimo. Esse é um exemplo de como políticas alternativas favorecidas pela esquerda podem também viajar rapidamente sob algumas circunstâncias. Mas penso também que a elaboração de políticas se tornou praticamente global, ela se junta à movimentação de um sistema de circulação global.

Acho que o mundo provavelmente continuará dessa forma por algum tempo, então é, novamente, um desafio para a esquerda aprender a usar essa infraestrutura para finalidades diferentes, ou desenvolver canais alternativos para a circulação de políticas radicais. O Fórum Social Mundial seria um grande exemplo de modo alternativo, sendo um circuito e uma rede alternativa através da qual diferentes políticas podem ser propagadas. A "globalização" do modelo de Porto Alegre por meio do Fórum seria um bom exemplo. Ele agora toma diferentes formas em diferentes lugares, mas o espírito daquele primeiro experimento viajou o mundo, mesmo que tenha sido efetivamente implodido em Porto Alegre.

Essa é uma das muitas ironias: essas políticas podem nem existir em seu lugar de invenção conforme se movem ou mudam ao redor do mundo. Mas não acho que sabemos muito sobre como políticas operam "em estado selvagem" nesse novo universo. É bem possível que alguns desses experimentos pós-neoliberais possam estar ocorrendo nesse mundo prosaico de políticas. É bem possível também que o final do neoliberalismo não seja um *big bang*, uma catástrofe financeira cataclismática que acabará com tudo em uma noite. O neoliberalismo pode muito bem ser exaurido e ultrapassado.

É por isso que digo que políticas como o Bolsa Família são extremamente interessantes, porque de certa forma são nascidas em um mundo neoliberal, mas

6 NT: do original, em inglês, *living wage*.

são também políticas potencialmente transicionais em direção a um diferente tipo de mundo social e criam, potencialmente, uma plataforma a partir da qual outras coisas são possíveis. Fizeram ser convincente que a redistribuição social e espacial possa ser alcançada pelo menos para 50% do PIB sem arruinar as finanças públicas, sem criar uma dependência epidêmica de bem-estar ou qualquer outro pesadelo conservador em relação a isso tudo. De fato, criou efeitos demonstrativos de que podemos dar dinheiro aos pobres e eles o gastarão em comida e na educação dos filhos, não precisamos necessariamente intervir para alterar o comportamento dessas famílias, elas não precisam ser policiadas rigorosamente com os pagamentos.



Acho que isso abre caminho para discussões sobre renda básica de cidadania, e o Bolsa Família ajudou a sustentar essa ideia, que agora está avançando em direção às agências internacionais, com argumentos por um piso de proteção social e um conjunto mínimo de proteções sociais no mundo todo. Ganhei esperanças com experimentos como o Bolsa Família, os quais podemos dizer que "saíram da concha neoliberal" e transcenderam-na de maneira intrigante. Penso que o Brasil, de certo modo, é uma espécie de cruzamento para muito desses experimentos. A maneira como eles mudam conforme crescem e evoluem no Brasil, e como podem se diferenciar e se mover lateralmente é surpreendente.

É exatamente esse o rumo que a experimentação em políticas sociais parece ter tomado, ser influenciada por esse experimento brasileiro. Mesmo que o Banco Mundial prefira que o mundo tenha aprendido uma lição diferente desses programas, já que não aprova realmente o Bolsa Família — ao invés disso, o descreve como o enteado indesejado desses experimentos, que agora está crescendo e se tornando a maior de todas as crianças, pois é o maior programa de transferência de renda condicional do mundo e que agora existe em mais de quarenta países e ninguém mais pode ignorar. E ele não se trata de um "vai-não-vai" de princípios para aprovação bancária, não policia rigidamente os pobres, ele vem ocorrendo, de certa forma, nos moldes brasileiros.

Muitos países africanos e também alguns asiáticos estão aprendendo com essa experiência. Assim, as viagens de políticas rápidas podem tomar rumos surpreendentes — não podemos prever, sempre, sua jornada desde seu ponto de

partida. Algumas delas podem até mesmo começar com uma posição relativamente conservadora e depois se tornarem mais progressistas, o que me sugere a necessidade de estar ativamente engajado nessas lutas por políticas. É um terreno importante que não deve ser negligenciado, são vitórias importantes para se ter nessa escala de ação.

BCG: Muitos autores têm apontado para um cenário catastrófico em relação às tendências da urbanização nesse começo de século: privatização dos espaços públicos, crescimento da gestão privada, militarização da vida cotidiana, repressão a grupos indesejáveis, expansão dos enclaves fortificados, gentrificação de bairros centrais, grandes projetos urbanos elitistas... Qual é a sua posição nesse debate? O senhor está pessimista?

Peck: Muitos diriam que eu sou, de maneira geral, pessimista (*risos*). Devo dizer que muitos de nós, do norte da Inglaterra, somos pessimistas, é algo meio cultural. Então muito do meu trabalho é focado nas desvantagens de todos esses processos. Tendo a pesquisar os "caras maus" e os experimentos ruins, e o que sempre digo é que considero isso tudo como um projeto coletivo. Minhas habilidades por acaso se encaixam no estudo do que os "caras maus" estão fazendo, precisamos entendê-los, mas isso deve fazer parte de um diálogo onde também construamos alternativas e aprendamos com os experimentos progressistas, bem como com alguns dos experimentos danosos.

As cidades são o lugar onde o "duplo movimento" funciona de maneira especialmente intensa. Vemos nelas os experimentos mais severos e, também, algumas das respostas mais ousadas.

Uma posição geral é que as cidades todas contêm todas essas tendências descritas, são todos processos reais. As cidades também estão entre os principais locais para a reação contra esses processos, são locais de mobilização política e social e de experimentação institucional e social. Cidades são alguns dos mais importantes locais para essas respostas. Novamente no sentido de Polanyi, as cidades são o lugar onde o "duplo movimento" funciona de maneira especialmente intensa. Vemos nelas os experimentos mais severos e, também, algumas das respostas mais ousadas. Portanto, talvez devamos observar as cidades em busca de espaços para alternativas, e da mesma forma monitorar o que está acontecendo nelas como parte da investida neoliberal, que continua a tomar novas formas.

Mencionei anteriormente que o momento de austeridade levou

a consequências particularmente graves para as cidades, e se elas dependem do pagamento de impostos locais, então a possibilidade de redistribuição espacial desaparece em um contexto no qual cada cidade tem de lutar por si própria, e taxar cidadãos pobres a fim de oferecer serviços limitados. Então, acho que temos de estar constantemente atentos em relação à natureza dessa espécie de ofensiva neoliberal nas cidades, que sempre toma sua forma mais nítida nelas. E sempre explorar as alternativas que possam emergir após as resistências iniciais contra esses excessos.

Novamente com Polanyi, eu não diria que existe qualquer garantia de que, uma vez que a dor se torne oficialmente ruim, possamos garantir uma resposta progressista. Infelizmente, também podemos ver movimentos neofascistas na Europa, que são respostas extremamente negativas a essas tensões. Sentimentos anti-imigrantes são também inflamados por altas taxas de desemprego e pobreza. Esses são sempre movimentos políticos e, por definição, política é imprevisível.

O que podemos prever é o prosseguimento da produção desse tipo de desafio trazido pela mercantilização excessiva, pela privatização e pela exclusão social. O que não podemos prever são as respostas, então temos de nos basear nelas conforme ocorrem. Para a esquerda, o terreno está constantemente mudando, não é o mesmo dos anos 1980. Por essa razão, senão por outras, penso que temos que observar de perto como as rodadas mais recentes da reestruturação estão tomando forma. Não devemos lutar as batalhas do passado, temos que lutar as batalhas do presente, e assim como as tecnologias neoliberais evoluem e continuam evoluindo, as respostas a elas também têm que continuar evoluindo. Mas é um grande desafio.

BCG: Como o senhor avalia a produção recente da geografia econômica? O senhor acha que ela tem decaído nas últimas décadas no campo da Geografia, com a ascensão das abordagens pós-estruturalistas e culturalistas?

Peck: Acho que o campo da geografia econômica se tornou crescentemente diverso e pluralista e, em certa medida, agora é um campo descentralizado. O que produz alguns desafios. É um desenvolvimento de certa forma bem vindo, pois o campo era relativamente estreito nos anos 1980, quando treinei para ser um geógrafo econômico.

Pelo menos no mundo inglês, estudávamos a indústria. Estudávamos principalmente as partes da economia formal dominadas por homens ou, para ser mais preciso, das fábricas. Temos, então, montes de estudos sobre a indústria automobilística, mas muito pouco sobre a economia de serviços, e mal

nos aventuramos pela esfera doméstica, além de muitas outras áreas que estavam quase fora dos limites nos anos 1980.

A geografia econômica teve que passar a entender a economia de maneira muito mais rica e complexa, e é compreensível que suas ferramentas de análises tenham se proliferado, como dizem, engajadas com uma economia mais culturalmente e socialmente complexa desde a década de 1990, quando houve a virada culturalista, a virada institucionalista e todas as outras. No final de tudo, acho que o campo está também desorientado — teve tantas viradas que agora está quase rodando — e uma das consequências disso é ser muito mais difícil, inicialmente, de sustentar projetos coletivos.

O grande avanço dos anos 1980, quando a geografia econômica tinha um objeto de análise mais singular, é que produzimos comentários realmente bem sustentados sobre questões como o momento de desindustrialização na Europa ocidental e na América do Norte, e as respostas políticas a ele. Geógrafos econômicos estudavam isso. Quando vimos o surgimento de regiões pós-fordistas, como a Emília-Romanha na Itália e o Vale do Silício, os geógrafos econômicos estavam estudando isso. Estudamos regiões em momentos de crescimento depois de termos estudado regiões em momentos de declínio, mas agora o nosso objeto de análise é caleidoscópico. Provavelmente estaria correto afirmar que temos uma produtividade coletiva menor, e que agora somos um grupo com uma série de microprojetos diversos.

Pessoalmente, acho importante para a geografia econômica enquanto campo manter um senso de problemáticas e preocupações em comum e, em algumas delas, podemos de fato desenvolver um *momentum* coletivo. De outra forma, seremos pequenos, um campo pequeno que será, então, dissipado. Digo isso, mas entendo que na realidade a geografia econômica é dispersa, se move por diferentes estilos, em diferentes números, toma suas próprias decisões sobre o que fazer e não é focada em uma única direção tão frequentemente.

Então esse continuará sendo um campo plural e complexo, mas gostaria e acharia útil desenvolver um foco em algum tipo de problema particularmente estratégico. Acho que questões como a desigualdade, por exemplo, têm sido pouco exploradas pela geografia econômica, conforme ela se torna menos e menos quantitativa. Aprendemos mais sobre análise qualitativa, fazemos agora a econografia e muitas outras coisas, mas negamos as habilidades quantitativas que costumávamos possuir, e isso faz com que algumas coisas sejam mais difíceis de entender. O tipo de trabalho que precisaremos fazer para entender a desigualdade social e espacial é um problema quantitativo complexo, e não temos muitas pessoas

em nossa equipe que possam fazer isso.

Um dos fatores sociais primários da era neoliberal é a desigualdade, e se não somos capazes de dizer algo sobre isso, então fizemos de nós mesmos e de nossa voz mais fracos. Talvez existam algumas áreas nas quais possamos identificar preocupações estratégicas que poderíamos trabalhar de maneiras pluralistas, acho que seria altamente produtivo. Seria trabalhar, no espírito da geografia econômica, com um tipo de projeto muito diferenciado. Não precisamos todos trabalhar da mesma maneira, com os mesmos métodos e as mesmas teorias. Estamos sempre muito interessados nessas questões e acho que ter alguns problemas em comum e trabalhar neles seria benéfico.

BCG: Para finalizar, quais são seus projetos atuais e como esses projetos trouxeram o senhor ao Brasil?

Peck: Eu sempre virei para o Brasil, quaisquer que sejam as oportunidades, então isso não precisa de muita explicação (*risos*). Estou escrevendo um livro chamado "Fast Policy", que trata desses modelos de políticas que estão viajando o mundo muito rapidamente e, particularmente, modelos de políticas que estão fazendo-o "de baixo para cima", do sul para o norte, ao invés do modo usual do norte para o sul, e nossos dois casos são o orçamento participativo e a transferência de renda condicional. O Brasil é central para ambas as políticas, na verdade elas foram inventadas no Brasil, e a partir de então se tornaram globais.



Nik Theodore e eu estamos trabalhando nesse projeto, e estamos constantemente no Brasil porque, de certo modo, este país é uma espécie de cruzamento para esses dois campos de políticas. É um país extremamente importante para a produção de novas direções na elaboração de políticas e na própria política, então nossas viagens constantemente nos trazem para cá, pelo nosso objeto de estudo.

Também estou também trabalhando com [o e economista brasileiro] Carlos Brandão e com Víctor [Ramiro] Fernández, um economista argentino, em um trabalho sobre o que tenho chamado de um "capitalismo diversificado[7]" e sobre modos alternativos de entender o capitalismo global como sistema diferenciado.

7 NT: do original, em inglês, *variegated capitalism*.

O que significa, para mim, entendê-lo de maneira geográfica, pensando nele como conectado, mas ainda assim diferenciado, como um todo complexo polimórfico e não como série de variedades separadas de capitalismo — o que é comum no debate mais frequente, no qual um modelo alemão e um modelo americano competem num mesmo nível. Isso é um modo muito a-geográfico de entender o capitalismo.

Na realidade, o capitalismo é um fenômeno diversificado, onde existem muitas diferentes formas conjunturais incorporadas em um sistema-mundo. Isso significa que temos que entender o capitalismo através de uma espécie de modo comparativo — considerar múltiplos pontos de vista, não apenas uns poucos lugares privilegiados do norte global. Claramente, não podemos ignorar mais a China e a América Latina se queremos entender o capitalismo contemporâneo. Algumas das novas formas mais provocativas e importantes estão sendo geradas nessas regiões.

Assim, se queremos entender o capitalismo como esse fenômeno complexo desigualmente desenvolvido, isso exige trabalho em múltiplas localidades e, especialmente, exige que geógrafos econômicos saiam do casulo dos países do Atlântico Norte. A maior parte dos geógrafos econômicos foi produzida nessa "anglo-esfera", e existia uma divisão do trabalho estrita e insustentável entre a geografia econômica e o que costumávamos chamar de geografia do desenvolvimento. A geografia do desenvolvimento foi criada no sul global, e os geógrafos econômicos queriam apenas cruzar o Atlântico entre a Europa e o Atlântico Norte. Agora, essa fronteira desmoronou, mas acho que a geografia econômica está apenas no início da expansão de seus horizontes para realmente conectar trabalhos do oeste ao leste e do norte ao sul.

Se queremos entender o capitalismo como esse fenômeno complexo desigualmente desenvolvido, isso exige que geógrafos econômicos saiam do casulo dos países do Atlântico Norte.

Esse é, para mim, um dos desenvolvimentos mais positivos alcançados no campo da geografia econômica, ele não é mais apenas focado nessa aglomeração estreita de economias do norte, mas está se alongando. Ampliou sua visão e seu terreno, viu que existem diferenças sociais, políticas, institucionais e culturais. Isso produz um tipo de geografia econômica muito mais enriquecida em relação à que realizávamos apenas através do Atlântico Norte. Podemos agora operar em um mundo mais complexo e desafiador, e precisamos viajar cada vez mais para fora

dessa esfera hegemônica. É isso que venho tentando fazer mais frequentemente: sair da minha zona "preguiçosa" de conforto e ir para lugares como o Brasil e a China para tentar entender o que está acontecendo nessas partes do mundo.

* * *

Sobre o entrevistado

Jamie Peck, geógrafo britânico, é um dos expoentes na área de geografia econômica global. Bacharel e doutor em Geografia pela University of Manchester (Reino Unido). Atualmente é professor do Departamento de Geografia da Universidade da Colúmbia Britânica (Vancouver, Canadá). Publicou, além de um grande número de artigos nos principais periódicos da geografia anglo saxônica, os livros *Work-Place: The Social Regulation of Labor Markets* (Nova Iorque, Guilford, 1996), *Workfare States* (Nova Iorque, Guilford, 2001) e *Constructions of neoliberal reason* (Oxford, Oxford University Press, 2010), entre outros. É co-editor da revista *Environment and Planning A*, além de ser membro do conselho editorial de outros importantes periódicos como *Economic Geography* e *Annals of the Association of American Geographers*.

* * *

BCG: http://agbcampinas.com.br/bcg

Entrevista realizada em junho de 2012.